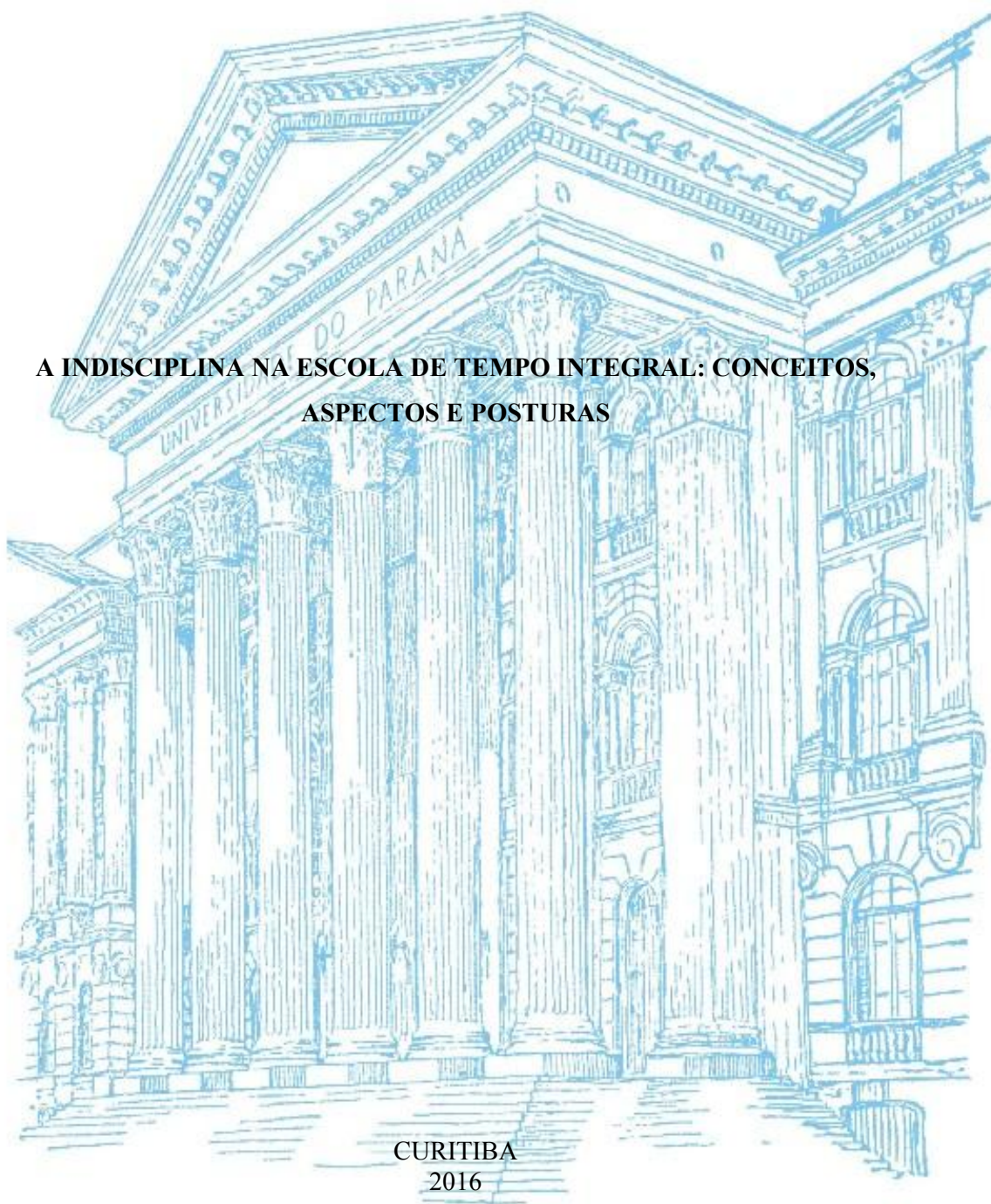


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ROSÂNGELA CARVALHO PEREIRA BASTOS

**A INDISCIPLINA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: CONCEITOS,  
ASPECTOS E POSTURAS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

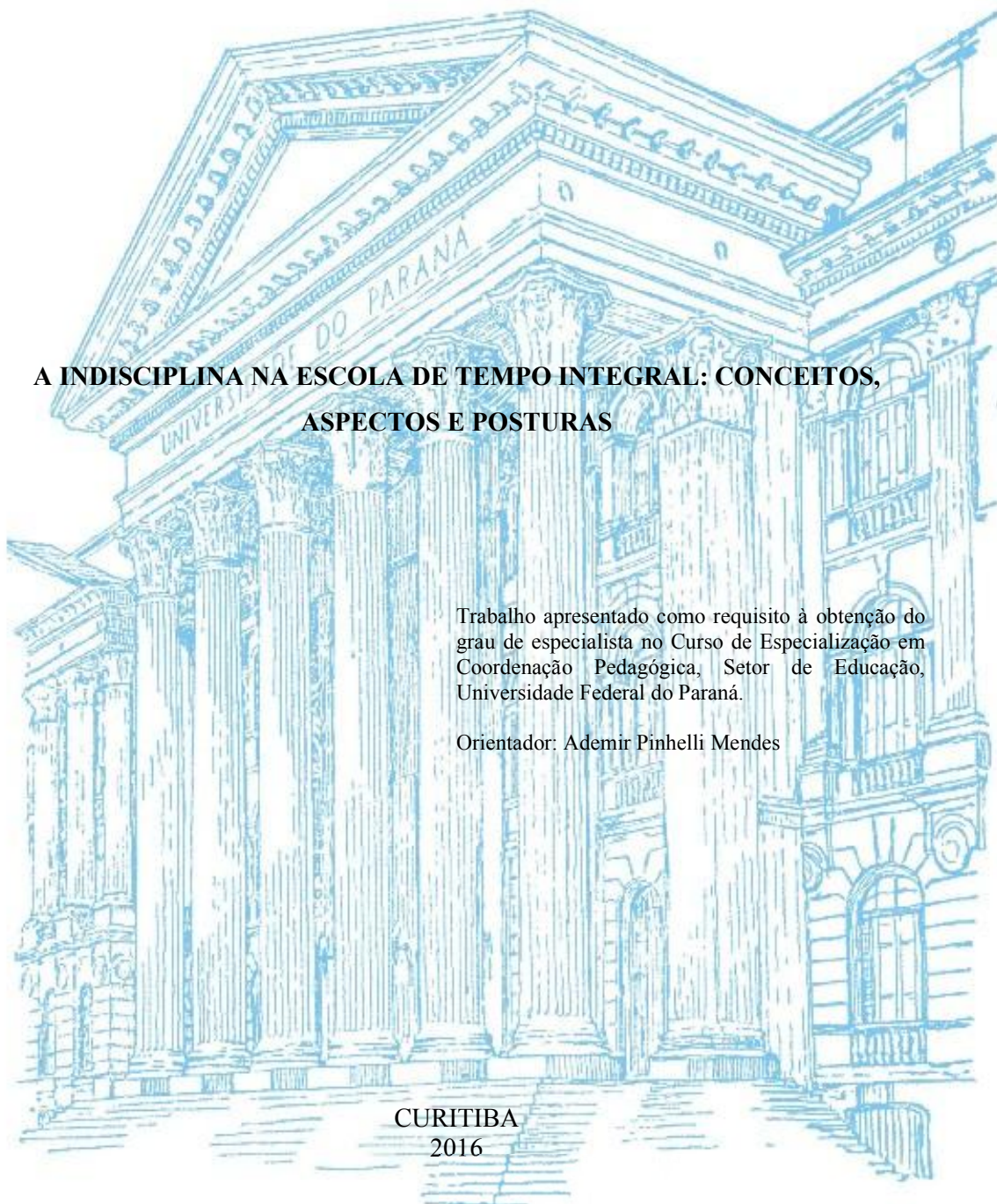
ROSÂNGELA CARVALHO PEREIRA BASTOS

**A INDISCIPLINA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: CONCEITOS,  
ASPECTOS E POSTURAS**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Ademir Pinhelli Mendes

CURITIBA  
2016



## **A INDISCIPLINA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: CONCEITOS, ASPECTOS E POSTURAS**

Rosângela Bastos

Ademir Pinhelli Mendes

**RESUMO:** O presente artigo aborda a percepção dos estudos contemporâneos para a questão da indisciplina escolar, principalmente em escolas de tempo integral. Tem por objetivo geral: levantar o conceito dado por estudiosos para indisciplina. E, por objetivos específicos: destacar aspectos sobre comportamento indisciplinado e comportamento hiperativo, desatento e impulsivo; levantar que condutas tem sido adotadas para lidar com a indisciplina. Justifica-se, uma vez que a indisciplina tem sido apontada por professores e profissionais da educação como obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de pesquisa por referencial bibliográfico, qualitativa, descritiva, que dispõe os dados, fatos e argumentos dedutivamente, sem discuti-los. Alcança como resultados: que apenas um estudo aborda a questão da indisciplina em escola de tempo integral, destacando aliás que, é talvez em virtude da relação entre faixa etária da criança inserida na escola e do tempo que esta fica no ambiente escolar um dos aspectos causadores do comportamento desatento, indisciplinado. Há ainda estudos que destacam que, na atualidade, tem ocorrido uma patologização e medicalização dos alunos que apresentam comportamento diverso ao esperado pelo professor como resposta à aula. Os demais achados apontam para a concepção dos professores sobre as causas da indisciplina sendo esta um obstáculo poderoso para o ensino e para a aprendizagem. Contudo, somente um estudo realizou pesquisa quantitativa apontando percentuais sobre as causas do comportamento indisciplinado. Na maioria, os estudos foram efetivados por pedagogos enfatizando a visão do que dificulta o ensino. Nenhum estudo propôs-se a verificar a visão dos alunos sobre o contexto escolar, sobre sua conduta, sobre como eles percebem a indisciplina.

**Palavras-chave:** Indisciplina. Percepção. Comportamento.



## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito escolar muitos são os desafios para que o aluno alcance êxito no processo de aprendizagem, de formação para a cidadania. Também nesse sentido, que o professor perceba que o seu fazer didático e pedagógico culminou em um aluno capaz de ser agente do seu aprendizado.

Este princípio está contido já no artigo 1º da Constituição Federal/1988 que determina que “a República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como [um de seus] fundamentos a cidadania” (BRASIL, 1988). Além, é claro, de ter todo cidadão assegurado no artigo 6º o direito social à educação.

Ainda, conforme disposto na Lei n. 9.394/96 em seus artigos 1º e 2º tal princípio também está amplamente contemplado. Valendo ser destacado do artigo 3º de dada lei que prevê a valorização do profissional em educação como uma de suas premissas contidas nos artigos 61-67 (BRASIL, 1996).

Entretanto, na questão da obrigatoriedade restrita ao Ensino Fundamental como aquela de prioridade dos municípios com a participação dos Estados, a Lei n. 11.274/2006 assegura que a escolarização da criança inicia-se aos seis anos (BRASIL, 2006). Isto afim de “desenvolver a capacidade de aprender, fortalecer os vínculos da família, da solidariedade e tolerância” (BRASIL, 1996). Portanto, há amparo legal tanto para o direito assegurado ao aluno quanto ao professor no âmbito escolar.

E, em se tratando de escola em tempo integral, Maurício (2009, p. 17) assinala que desde a sua concepção há crítica contra a instalação do período integral em decorrência das condições concretas em que se dá o ensino na sociedade brasileira desde a concepção para esta modalidade. Isto porque o sistema “nem oferecia ainda boa qualidade em tempo parcial, levantando polêmica em torno do custo-benefício do tempo integral, inviabilizando a universalização do ensino fundamental, pelo caráter assistencial inserido na discussão da função social da escola”. Sobre o contexto da escola de tempo integral, a autora destaca ainda que:

Para que a criança brasileira, com as carências socioculturais ou outras que nosso país atribuiu a ela como dote no seu nascimento, tenha igualdade de condições educacionais se comparada com crianças de classe média que têm acesso, em espaços diversos e ao longo do dia inteiro, a linguagens e atividades várias, é necessário tempo de permanência na escola – tempo para adquirir hábitos, valores,

conhecimentos para exercer direitos e deveres de cidadão numa sociedade complexa como a brasileira do século 21 (MAURÍCIO, 2009, p. 26).

Mas, conforme destaca Vitale (2009) “a profissão docente passa por um momento delicado, algo reconhecido não apenas por quem faz da sala de aula o seu dia a dia, mas também pelos estudiosos que se debruçam sobre o assunto”.

Assim, dos desafios que tem sido considerados como obstáculo poderoso para a aprendizagem exitosa, a indisciplina é apresentada como um dos grandes problemas para a aprendizagem e para o fazer pedagógico, na atualidade? Como os estudos sobre este assunto definem indisciplina? Qual a condução dada pela instituição de ensino quando um aluno apresenta comportamento indisciplinado?

De acordo com o disposto no Dicionário Informal (2010, p. 1) indisciplina seria dentre outras coisas “falta de respeito às regras, negação às normas, mal comportamento que compromete a convivência social”. E, aluno indisciplinado seria aquele que “não cumpre com as tarefas escolares, que falta as aulas sem justificativa, que conversa demasiadamente durante as aulas”.

Logo, esta pesquisa tem como objetivo geral: levantar o conceito dado por estudiosos para indisciplina. E, objetivos específicos: destacar aspectos sobre comportamento indisciplinado e comportamento hiperativo, desatento e impulsivo; levantar que condutas tem sido adotadas para lidar com o comportamento adverso/indisciplinado do aluno enquanto barreira para a aprendizagem.

Justifica-se a abordagem deste tema uma vez que, a indisciplina tem sido apontada por professores e profissionais da educação como um grande obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem. Segundo estudiosos como Vasconcelos (2013) e Philippe Perrenoud (2009), referências na sociologia da Educação, o momento para a profissão é bastante difícil, pois passa por uma dupla via: maior responsabilidade no ensino das áreas acadêmicas, e, a defasagem nas condições para desempenhar a docência.

Trata-se de pesquisa por referencial bibliográfico, descritiva, qualitativa, visando destacar os argumentos pertinentes sem discuti-los.

Então, o trabalho fora concebido em duas partes. Na primeira parte destaca-se o conceito de indisciplina, alguns aspectos sobre o contexto da educação integral. Já na segunda parte, são ressaltados os aspectos sobre o comportamento considerado indisciplinado, impulsivo, hiperativo. Como também, questões como a patologização e a

medicalização do aluno que apresenta comportamento díspar daquele esperado como resposta usual ao conteúdo aplicado em sala de aula.

## **2 A INDISCIPLINA: CONCEITO, CAUSAS, O PAPEL DA FAMÍLIA**

De acordo com Amaral (2007), a pesquisa enquanto atividade da ciência que indaga e constrói a realidade, amplia a atividade de ensino e atualiza a visão da realidade do mundo, uma vez que surge da perspectiva de observação de um problema da vida prática.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa adotada é a qualitativa em virtude da abrangência de significados, motivos, valores, posturas, que até podem ser mensurados matematicamente, mas a observação dos fatos para tal tipo de pesquisa é mais espontâneo quando da sua ocorrência.

Portanto, uma vez que a indisciplina tem relação com comportamento, com posturas, com percepções, num primeiro momento faz-se a pesquisa bibliográfica que direciona o trabalho, da qual colhem-se as informações mais representativas e significativas para a presente pesquisa.

Muitas são as dificuldades para quem aprende e também para quem ensina. Sobretudo se considerado o atual contexto marcado pela velocidade na transmissão de informações que gera um imediatismo na conduta das pessoas, pelo consumismo que tem forte impacto sobre o comportamento humano, e, principalmente, no esfacelamento das relações familiares.

Adequar-se a transformação da sociedade, justamente esta na qual vivemos, uma sociedade marcada pela falta de limites, pela decadência de princípios básicos de respeito ao próximo, de solidariedade, de quebra de fronteiras, é uma questão de comodidade. É muito mais fácil se adaptar ao ilimitado do que viver regido por regras, por limites. [...] Ao mesmo tempo em que o jovem transforma-se com a sociedade das ilimitações, tem que adaptar às regras impostas, neste caso, pela escola (SÁ, 2013, p. 2).

Logo, de acordo com Vitale (2009), em 2007, pesquisa realizada com cerca de 500 professores de todo o país, “revelou que 69% deles apontavam a indisciplina e a falta de atenção entre os principais problemas da sala de aula”.

Quase uma década depois, como os estudos discorrem ou argumentam sobre a indisciplina escolar?

Para Sá (2013) a indisciplina seria uma tema complexo, sobretudo, se considerados os fatores que a contextualizam: “professores estressados, alunos descrentes e desacreditados, ensino falido, violência física e psicológica, grande número de reprovação, evasão” dentre outros.

Garcia (1999, p. 102) também considera a indisciplina enquanto assunto complexo por integrar diversos aspectos, uma vez que “é preciso superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental”. O autor defende a ideia de que a indisciplina precisa ser vista em consonância com o momento histórico. E, além disto, a escola precisa considerar as condições e o desenvolvimento dos alunos e suas necessidades, visando garantir-lhes as condições propícias à aprendizagem. O autor teoriza que a ausência de bases democráticas nas relações entre professor e aluno como o estopim para as expressões de indisciplina. E, costumam se originar em um conjunto de causas diversas que sendo complexas, estariam divididas em dois grupos: causas externas (influenciadas meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar) e causas internas (ocorridas no interior da escola, incluindo o ambiente e as condições de ensino-aprendizagem). Este autor distingue claramente em seu estudo a indisciplina da violência não sendo sinônimas enquanto fenômenos sociais.

A este aspecto, Correia (2014, p. 11-12) concorda com este argumento de que há que definir e esclarecer o que causa a indisciplina, e, esta pode ser violenta, sem, contudo, se alcançar o que se caracteriza como violência no âmbito escolar enquanto parcela social. Isto porque “o conceito de violência deve ser reservado para as ocorrências que ultrapassam as normas e a responsabilidade escolar, impondo o recurso às instâncias jurídicas e policiais, na medida em que apesar de toda a indisciplina ser um desvio à norma, nem sempre ela comporta um carácter violento”.

Assim, indisciplina compreenderia desde conversar demasiadamente durante as aulas, também atos de vandalismo como pichar paredes até agressão física e verbal. Seria também não cumprir as regras da escola. Contudo, Vitale (2009) em seus argumentos, questiona à toda comunidade escolar “qual é a sua responsabilidade nisso?”

Outra ideia acerca da indisciplina defendida por Aragão (2009) aponta para o assunto considerando que o comportamento apresentado pelo aluno antes tido como hiperativo, impulsivo, não reativo nem sempre é indisciplina. A este respeito, defende a autora que:

Para mudar a perspectiva em relação à indisciplina, é imprescindível que a escola se responsabilize cotidianamente por garantir um ambiente de cooperação, em que o valor humano, o respeito, a dignidade e a integridade marquem as relações. Essa conquista pode se dar por meio de um percurso de formação continuada para toda a equipe. Ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que conflitos sempre vão ocorrer e não é possível esperar o fim da formação para resolvê-los. Lembre-se de que o mais importante é lidar com a causa do conflito e não apenas atribuir culpa e impor punições. Pouco importa quem começou uma discussão. O fundamental é analisar o que levou as pessoas a ter dificuldade de negociar soluções justas e respeitadas (ARAGÃO, 2009, p. 1).

Segundo Silva, Ferreira e Galera (2007, p. 661) muitos tem apontado como causas para a indisciplina a questão da falta de limites e a ingovernabilidade das novas gerações, somado ao declínio das instituições e das autoridades. Mas, defendem estes autores que “a disciplina e a indisciplina são produtos sociais e escolares e não devem ser consideradas boas ou más”.

Para Vitale (2009) a indisciplina precisa ser entendida como a transgressão de dois tipos de regra: as regras morais (que para o autor são aquelas construídas socialmente com base em princípios que visam o bem comum, ou seja, em princípios éticos) e as regras convencionais (estes versam sobre comportamentos efetivados em grupos com objetivos específicos, como usar o celular na sala de aula, por exemplo).

Na visão de Sá (2013) o papel de maior impacto sobre o comportamento de um ser é aquele exercido pela família. Pois, “a instituição família tem um papel primordial na vida educacional dos discentes. É dela que, primeiramente, parte a educação. E é pelo fracasso dela que há uma sobrecarga para a escola, especificamente para os professores”.

A este respeito, Braga et al (2006) compartilha destes achados enfatizando sobre o conceito de indisciplina enquanto problema antigo e de difícil resolução, principalmente porque:

A mídia pode influir nesse fato com a propagação da violência e de ideias contrárias àquelas que queremos para a formação das crianças, ensinando e até incentivando comportamento indisciplinados, tanto na escola como em casa. Hoje em dia, os pais nem sempre cumprem o papel de formação de valores morais e de limites em seus filhos, muitas vezes, devido à falta de tempo e informação ou mesmo pela desestrutura familiar (BRAGA ET AL, 2006, p. 4).

Já para Costa, Ferreira e Santos (2013) as causas da indisciplina escolar podem estar relacionadas ao aluno e ao meio, ao aluno e as características do professor ou ainda consequência do sistema educativo. Aspectos que corroboram com os achados de Vitale



(2009). Logo, a indisciplina apresenta-se como um dos fenômenos sociais que afeta a convivência social. Os autores destacam ainda aspectos ligados a qualidade do ensino, a organização das escolas e a falta de afetividade de alguns professores como causadores deste fenômeno social adverso ao processo de aprendizagem.

Sabe-se que quando algo não corresponde às expectativas das crianças, elas logo deixam de lado e vão procurar algo que lhes chame atenção. Deste modo podemos afirmar que a indisciplina escolar pode ser um meio que o aluno encontrou para se expressar (COSTA; FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 5).

Braga et al (2006) percebem e revelam a indisciplina a partir dos tipos comumente apresentados em escolas tais como: coação, espancamento de colegas, ameaças ao professor, liderança negativa. Entretanto, os autores assinalam para a questão da exclusão social de muitas famílias como causa inicial para a indisciplina escolar. Outras causas que serviriam com fio condutor para este caos, estariam relacionados com a falta de interesse e de estímulos, também para fatores culturais ou socioeconômicos específicos, o contexto, o ambiente em que o aluno vive, no qual a influência da televisão, pais separados, a questão da auto estima, da idade em que a criança é inserida no ambiente escolar e o tempo que permanece nele são relatados pelos autores como causadores de comportamento indisciplinado. Aliás, estes autores também tratam o assunto pela ótica do tempo integral escolar assim como Maurício (2009).

A escola recebe o educando cada vez mais cedo; aos dois anos de idade a criança já está de uniforme e “mochilinha” nas costas indo para a escola. [...] muitas crianças vão para a escola para serem criadas. Com isso, o professor encontra dificuldades. A indisciplina é o resultado natural da falta de educação (BRAGA ET AL, 2006, p. 11).

Outro aspecto que os autores descritos até aqui destacam, este não sendo como meio de promoção para a indisciplina, mas enquanto dificuldade para lidar como o assunto, é a questão da capacitação do professor, uma vez que educar crianças é papel conferido aos pais, para o qual os professores não estão preparados. Fato apontado no estudo de Costa, Ferreira e Santos (2013) de que cerca de 54% dos entrevistados naquela pesquisa disseram não terem recebido formação da escola sobre como trabalhar a indisciplina na sala de aula.

## **2.1 Posturas e condutas frente à indisciplina no âmbito escolar**

Braga et al (2006) destacam que a indisciplina tem conceito, causas. Mas, o lado mais perverso deste assunto são as consequências que a indisciplina ocasiona. Tanto que os autores apontam para a percepção daqueles alunos tidos como passivos sobre o comportamento daquele que ocasiona transtornos na sala, não para quieto, conversa em demasia, agride e intimida os colegas e ao professor. Pois, este quadro pode alcançar como resultados um gerador de modelo “ele fez, eu também faço”, como ainda gerar um sentimento de incapacidade, de mal-estar, de sofrimento, gerando a algum prazo, menores oportunidades de aprender. E, segundo os autores, surgem neste contexto sentimentos, casos mais graves de indisciplina, e, culminando em encaminhamento parapedagógicos.

Considerar que o aluno está exposto e sendo estimulado por fatores em um ambiente desestruturado que tanto pode ser sua casa quanto a própria escola nas condições atuais, e, de que há ainda o professor que tem uma visão utópica de aprendizagem centrada no “eu falo, você ouve” pode revelar um outro parâmetro para as causas da indisciplina e em qual postura se adotaria para tratá-la, resolvê-la. Mas, pode-se observar que a maioria dos estudos culpabiliza alguém pelo quadro escolar caótico atual.

A isto Vasconcellos (2013) chama de Síndrome do Encaminhamento no qual ocorre a transferência de responsabilidade dos pais para o professor, do professor para a coordenação ou direção. Ao que o autor destaca não ser uma questão de responsabilidade, mas principalmente, de impotência e geração de mais indisciplina.

O professor, quando não consegue conter os ânimos na sala de aula, encaminha o aluno à sala da direção ou coordenação demonstrando ao aluno sua impotência, sua fraqueza. Este, por sua vez, repete os atos indisciplinados por entenderem esta fraqueza e, principalmente, por compreenderem que a ida a estas salas não resultarão em sanções graves, a não nos casos de expulsões – procedimento não recomendado pedagogicamente (SÁ, 2013, p. 4).

Logo, de acordo com Cardoso (2007) o comportamento indisciplinado tem também sido confundido com transtornos de comportamento como a hiperatividade, por exemplo. E, sendo o aluno levado à clínicas de psicopediatras, passando muitas vezes por um processo de patologização e, póstuma medicalização. Quadro que aflige muitíssimo pais e familiares. Pois, o aluno passa por um período de adaptação à medicamentos que o fazem muitas vezes apresentar um comportamento apático, quase débil.

[...] o estilo ou método utilizado pelos pais na educação de seus filhos foi a que trouxe consequências desagradáveis, pois além de reforçar a baixa estima dos pais, eles ficavam com o sentimento de terem fracassado ou errado na forma de educarem seus filhos, ocasionando uma sensação de culpa e revolta, além das crianças serem rotuladas de hiperativas (CARDOSO, 2007, p. 22).

A autora supracitada aponta que, muitas vezes, alunos com hiperatividade são filhos de pais hiperativos. Logo, um fator a ser considerado quando o professor solicita anamnese de um aluno investigado com tal transtorno. Além de que se sintomas ou sinais como desatenção, impulsividade, agressividade, superexcitação emocional, dentre outros tendem a ser reflexo do contexto, do meio em que a criança vive, e, também tendem a serem suavizados com o avanço da idade. A isto Cardoso (2007) salienta ser fraqueza de criação, não hiperatividade. Esta conceituada pela autora como um distúrbio ou transtorno neurobiológico, com forte influência genética de caráter hereditário, que acometem a atenção do indivíduo.

Observa-se que há uma área do cérebro que parece estar envolvida com o transtorno, conhecida como córtex pré-frontal que tem como funções: manter a atenção, a perseverança, controle dos impulsos, julgamento, organização, auto monitoração e supervisão, resolução de problemas, pensamento crítico, pensamento antecipado, capacidade para aprender com as experiências e a habilidade de sentir e de expressar emoções (CARDOSO, 2007, p. 24).

Outro estudo que apresenta o mesmo tema, com a mesma ótica é o de Luengo (2010). Para a autora, o professor aponta para o comportamento indisciplinado como doença sem verificar lhe os aspectos causadores, a instituição escolar conduz o apontamento para a medicalização e aluno torna-se um doente. A este respeito, a autora destaca ainda que a mudança de paradigma ocorre quando o professor revê seus conceitos acerca do que vem a ser indisciplina e transtornos. Logo, percebe-se que:

No entanto, tendo em vista as inúmeras transformações ocorridas na contemporaneidade, deve-se questionar qual é a concepção de criança que os profissionais que trabalham com a educação infantil possuem, pois ao apontarem, no cotidiano escolar, casos de indisciplina, crianças que são encaminhadas aos serviço de saúde com o objetivo de ser diagnosticadas e tratadas para que haja o controle de seus comportamentos, sem ao menos procurar compreender as tramas sociais que corrompem e desumanizam sua infância é, no mínimo um ato punitivo (LUENGO, 2010, p. 58).

Luengo (2010) defende, veementemente, que infelizmente a escola na atualidade “continua sendo uma instituição selecionadora e punitiva que procura homogeneizar os comportamentos e patologizar aqueles que destoam dos demais”. Logo, o aluno que difere dos demais, antes de ser visto por ângulos que busquem elucidar as causas para seu comportamento dispar, sofre uma rotulagem de “problema”, passa a ser estigmatizado, visto como fracassado com baixas condições de sucesso assevera Luengo (2010, p. 60).

Porém, se antes o aluno fracassado era aquele que apresentava “desinteresse”, “indisciplina” e “falta de educação”, na atualidade é o aluno que apresenta algum tipo de disfunção cerebral de origem genética, capaz de causar deficiências e desordens no comportamento. A ciência médica atravessou o âmbito escolar e hoje a escola é um dispositivo institucionalizado, que foi produzido e produziu relações de saber-poder (LUENGO, 2010, p. 61).

Enquanto que Viveiro e Diniz (2009) defendem que muito mais do que um comportamento indisciplinado, o processo de aprendizagem para um ensino efetivo, em que ocorra um mínimo de ocorrências da indisciplina, a motivação precisa ser levantada como “combustível” para que o aluno construa sua aprendizagem.

Em todos os estudos, pode-se observar que o papel efetivo da família e da comunidade pode surgir como o maior “remédio” para o mal da indisciplina.

É a família que exerce, sem dúvida, uma grande influência sobre o aluno, pois é em casa que ele passa a maior parte do tempo, onde, às vezes, fica exposto à influência de programas de tevê cheios de violência e a uma falsa moral, em um ambiente familiar muitas vezes desestruturado, com pais sem autoridade (BRAGA ET AL, 2006, p. 14).

Em tempo, claro que há alunos com comportamento que alcança o status de transtorno. E, para tanto faz-se necessário todo o trabalho e encaminhamento necessários para seu diagnóstico e, tratamento adequado.

Outro remédio que se adequaria não para os transtornos, mas para os conflitos existentes em sala de aula é apontado por Sá (2013) e tem relação estrita com a postura do professor. Não se trata, logicamente, de que a culpa da insistente ocorrência de indisciplina seja culpa da falta de postura do professor. Todavia, pode ser dela o avanço para a solução das situações conflituosas, conforme fica evidenciado na reflexão sobre a conduta do professor exposta no trecho a seguir apontando para que:

Se o aluno quer sentir a sua firmeza, mostre firmeza a ele. Aja com disciplina. Se possível, insira doses de humor em suas aulas para descontrair o clima. Não exagere nas doses de disciplinas, pois a ideia dela é mediar o conflito que existe em sala de aula. Converse com os seus colegas de trabalho; pergunte se os casos acontecem também com eles; reflita sobre si mesmo; monte rodas de diálogos com os seus alunos; procure compreender o que de você perturba os alunos e corrija esses atos; seja amigo dos alunos, mas mantenha a postura profissional. Os conflitos ocorridos em sala de aula deverão ser corrigidos em sala de aula (SÁ, 2013, p. 5).

Outro remédio apontado pelo autor supracitado prevê a indisciplina sendo contemplada em um Projeto Político Pedagógico (PPP) no qual a família, os alunos, os professores, toda a comunidade escolar elaborem as possibilidades de enfrentamento de todos os problemas e visando o alcance da promoção da educação e a almejada inserção do indivíduo na sociedade. A isto somariam ações como palestras com especialistas, a formação continuada de professores e a possibilidade de diálogo entre os atores escolares sempre.

Corroborando com estes aspectos os argumentos levantados por Garcia (1999), ampliando a questão destacando que, as escolas precisam desenvolver uma diretriz disciplinar de base pedagógica ampla, na qual envolva e seja legitimada pela comunidade escolar, principalmente em seu Projeto Político Pedagógico. Neste a ampliação do grau de envolvimento dos pais nas atividades e rotinas escolares se fazem pertinentes e notórias.

O único estudo que analisou a indisciplina quantitativamente fora aquele desenvolvido por Costa, Ferreira e Santos (2013) que apontam que 100% dos entrevistados em seu estudo responderam que a indisciplina prejudica o rendimento escolar.

Concordando, assim, de que, como remédio para a indisciplina as instituições escolares “precisam buscar meios para envolver os pais na construção dos saberes, devendo criar situações para atraí-los, fazê-los participar do processo de ensino-aprendizagem, pois são eles que mais conhecem seus filhos e sabem qual a melhor maneira para eles aprenderem” (COSTA; FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 7).

Estes autores propõem ainda como soluções para as situações de contenda em sala a efetividade de uma parceria entre professor e alunos, em que as regras de boa convivência são definidas por estes. Além da ampliação do envolvimento dos pais, feita com comprometimento no alcance de soluções não apenas para a indisciplina escolar.

### **3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS**

Para a análise das informações e argumentos levantados na pesquisa bibliográfica, adotou-se neste trabalho o emprego de metodologia descritiva que segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 44) tem como finalidade “observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos, sem a interferência do pesquisador, visando descobrir a frequência com que o fenômeno acontece ou como se estrutura e funciona num sistema, método, processo ou realidade operacional”.

Há aspectos que influenciam no comportamento dos alunos. Com os avanços da tecnologia, com o consumismo propagado como meio de sanar dores e mazelas, com o esfacelamento de valores e as mudanças sociais que atingem a família, o aluno apresenta muitas vezes respostas a tantos estímulos que contraria aquela esperada como resultado para o processo de ensino.

Assim, nas palavras de Vitale (2009) “é na distinção entre moralidade e convenção que podemos começar a trilhar um caminho promissor. Na prática, separar uma coisa da outra não é fácil, mistura-se tudo em extensos regimentos que pouco colaboram para manter o bom funcionamento da instituição e o clima necessário à aprendizagem em sala de aula”.

Assim, desde a influência dos meios midiáticos, da desestrutura familiar até a própria visão de que há professores que ainda detêm o papel de que ele fala e o aluno obedece, muitos são os percalços e aspectos que deflagram a indisciplina na sala de aula.

Pode-se apontar que, muitas vezes a indisciplina é só uma forma de o aluno dar vazão aos seus conflitos.

Há ainda a questão de comportamentos hiperativos, impulsivos, dentre outros. E, há a questão do controle por parte do professor na relação com o aluno que também acontece no âmbito escolar que pode ser estopim para relações conflituosas, embates desgastantes e pouca efetividade no processo de ensino aprendizagem.

O estudo de Garcia (1999) assinala ser a indisciplina mais do que uma questão de comportamento estimulado por fatores que não ultrapassaria a conversa em demasia, a inquietude em ficar sentado, a algumas respostas abruptas. Argumentos também válidos para Sá (2013). Mas, explica Garcia (1999) que agressões físicas, verbais e psicológicas são formas de violência, não de indisciplina.



Quanto as condutas adotadas para lidar com a indisciplina, os achados de Costa, Ferreira e Santos (2013) apontam como “remédios para tal mal” que a efetiva colaboração e participação tanto de pais como dos alunos na formulação de diretrizes e dos pressupostos do Projeto Político Pedagógico podem ser mecanismos de resolverem as questões de conflito em sala.

Portanto, o contexto é sim desafiador. Os alunos tem sim demonstrado um comportamento adverso, mas nem sempre podendo ser tratado como indisciplina, pois há vários fatores e aspectos a serem considerados como a estrutura familiar, a cultura, o tempo em que o aluno fica na escola, dentre outros. Sobretudo, o professor não precisa ser consolidado como o único responsável pela aprendizagem, e, o aluno pode ser encarado como alguém que tem sofrido estímulos tais a ponto de ter seu comportamento modificado de forma a revelar como ele tem vivido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com relação aos objetivos propostos para esta pesquisa, pode-se alcançar que para a maioria dos estudiosos do assunto, o conceito dado para indisciplina aponta para um comportamento adverso promovido, nutrido por diversos fatores como: a televisão, a violência veiculada em vários meios dos quais o aluno tem acesso, a questão do contexto familiar e socioeconômico em que está inserido, a postura de alguns professores que ainda detém a visão de controle total em sala, dentre outros. E, que de modo geral, vai desde a conversa demasiada em sala, o uso de celular em períodos não permitidos até à violência contra os colegas e o professor ou equipe escolar.

E, em se tratando dos objetivos específicos, a pesquisa verificou que os aspectos sobre comportamento indisciplinado e comportamento hiperativo, desatento e impulsivo tem sido confundidos em escolas de forma tal que, muitas vezes tem ocorrido uma patologização e medicalização de alunos sem necessidade ou ainda como meio de exclusão daquele aluno que tem comportamento diferente da massa. Antes sim, tal questão segundo estudos de Cardoso (2007) e de Luengo (2010) precisam ser revistas e analisadas por ângulos antes não empregados.

Logo, comportamento hiperativo, impulsivo, desatento são sinais sim que precisam da atenção da comunidade escolar. Mas, antes de rotular um aluno que apresenta sintomas assemelhados de possuidor de transtorno, a escola como um todo precisa

verificar as causas sociais, genéticas, familiares, dentre outros para tal comportamento. Levá-lo a termo em tratamento, se necessário. Mas, sem um processo adequado para se alcançar e definir o que comportamento indisciplinado e transtorno, não excluir ou marginalizar o aluno.

Ao professor pode ser possível reconhecer que sua prática precisa de ajustes ou mudanças. A empatia e a motivação precisam partir do profissional da educação, estabelecendo-se, assim, uma relação em que a afetividade e o respeito somado a responsabilidade podem tanto evitar a indisciplina como principalmente, a exclusão.

Aos pais cabe também o envolvimento no cotidiano e na rotina escolar dos filhos. Ainda que hiperativos ou indisciplinados, são indivíduos carentes de toda a atenção e desvelo que seus progenitores devem desenvolver por eles.

Portanto, num estudo futuro a mensuração de como ao aluno de escola de tempo integral sente sua escolarização, o tempo de permanência no ambiente escolar, dentre outros aspectos para se alcançar causas ou fatores da indisciplina devem ser verificados.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Ana. **Projeto institucional**: Repensar a indisciplina. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/repensar-indisciplina-gestao-equipe-comportamento-respeito-autonomia-504350.shtml>> Acesso em: 19 mar. 2016.

AMARAL, João. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. 2007. Disponível em: <[https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo\\_C5\\_Como\\_fazer\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf)> Acesso em: 27 mar. 2016.

BRAGA et al. **Respire fundo... conte até 10!** A indisciplina como obstáculo ao trabalho docente. 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6750/1/40354843.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2016.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)> Acesso em: 27 mar. 2016.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 27 mar. 2016.

BRASIL. Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino

fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm)> Acesso em: 27 mar. 2016.

BARROS, Aldil Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 2007. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/3992090/metodologia-cientifica/18>> Acesso em: 27 mar. 2016.

CARDOSO, Diana Maria Pereira. **O fazer pedagógico diante do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade no contexto escolar**. 2007. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285.pdf#page=246>> Acesso em: 18 de mar. 2016.

CORREIA, Joana Maria Faria. **Causas da indisciplina escolar no 2° e 3° ciclo do Ensino Básico**. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.uma.pt/bitstream/10400.13/847/1/MestradoJoanaCorreia.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2016.

COSTA, Cíntia Cavalcante de Souza; FERREIRA, Antonia de Moraes; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **A Concepção dos Professores Sobre as Causas da Indisciplina nos Anos Iniciais**. 2013. Disponível em: <<http://faflor.com.br/revistas/nativa/index.php/revistanativa/article/view/103/pdf>> Acesso em: 20 mar. 2016.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/indisciplina/>> Acesso em: 20 mar. 2016.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. 1999. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275/229>> Acesso em: 20 mar. 2016.

LUENGO, Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância**. Rio de Janeiro: Cultura Acadêmica Editora. 2010. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/sw26r/pdf/luengo-9788579830877.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2016.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Escritos, representações e pressupostos da escola pública de horário integral**. 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6750/1/40354843.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Construir: as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999 apud VITALE, Paulo. **O que é a indisciplina?** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/indisciplina-503228.shtml>> Acesso em: 19 mar. 2016.

SÁ, Robison. **Indisciplina na escola**. 2013. Disponível em: <  
<http://www.infoescola.com/pedagogia/indisciplina-na-escola/>> Acesso em: 20 mar.  
2016.

SILVA, Margarete Virgínia Gonçalves; FERREIRA, Jacques de Lima; GALERA, Joscely Maria Bassetto. **A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor**: uma realidade posta na sociedade contemporânea. Disponível em: <  
[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126\\_494.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126_494.pdf)> Acesso em:  
20 mar. 2016.

VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina e indisciplina na escola**. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte: MG. v. 19, n. 112, p. 5-13.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. **As atividades de campo no ensino de ciências**: reflexões a partir das perspectivas de um grupo de professores. 2009. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/g5q2h/pdf/nardi-9788579830044.pdf#page=29>> Acesso em: 18 mar. 2016.

VITALE, Paulo. **O que é a indisciplina?** 2009. Disponível em: <  
<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/indisciplina-503228.shtml>> Acesso em: 19  
mar. 2016.